VISÃO DO CORREIO

A urgência que vem das estradas

O mês de abril está na metade, mas já é candidato a figurar entre os mais sangrentos de 2025 nas estradas brasileiras. Pelas rodovias federais e estaduais, as ocorrências vão se somando e escancaram a dimensão do problema que o país precisa enfrentar: tão grande quanto o seu próprio território. O impacto das tragédias é devastador, provocando sofrimento e traumas a vítimas e familiares, além de causar altos custos monetários para a sociedade.

Apenas com um breve panorama — sem levantamento oficial —, os casos neste mês assustam. Na última sexta-feira, na BR-040, altura de Curvelo, em Minas Gerais, três pessoas perderam a vida em uma colisão frontal entre um coletivo e um carro. Ainda nas rodovias mineiras, dias antes, o tombamento de um ônibus, na MG-223, vitimou 11 passageiros e feriu 36. Na BR-101, altura de Florianópolis, em Santa Catarina, 21 carros e três carretas foram incendiadas após um caminhão com etanol tombar e explodir, no dia 6, desencadeando um cenário de terror — por milagre, os ocupantes dos automóveis conseguiram escapar das chamas.

No Distrito Federal, a Polícia Rodoviária Federal (PRF), durante a Operação Carnaval, constatou redução no número de acidentes (-7,5%), nas mortes no trânsito (-5,7%) e de feridos (-15,3%). Mas as autuações por alcoolemia ao volante aumentaram 33,5%. Até o momento, o Departamento de Trânsito (Detran-DF) não divulgou um balanço dos acidentes ocorridos na estradas durante o primeiro trimestre deste ano.

Segundo a PRF, no ano passado foram registrados 73.121 acidentes, resultando em 84.489 feridos e 6.160 mortos. Isso significa que 16 pessoas morreram, diariamente, nas BRs em 2024. Esse número é 10% maior em relação ao apresentado pela PRF em 2023. As perdas humanas são irreparáveis e, junto à dor, há o ônus que afeta a saúde e a economia. Segundo estudo da Federação das Indústrias do Estado de Minas Gerais (Fiemg) e da Houer Concessões, os registros em pistas federais custaram R$ 22,3 bilhões ao Brasil em 2023.

O desafio nacional não é novidade e precisa mobilizar os setores de saúde, infraestrutura e outros. A circulação de mercadorias, especialmente estabelecida pelo modal rodoviário, tem de ser repensada, visto que fora a questão dos fretes e demais gastos incorporados há a enorme ocorrência de eventos trágicos envolvendo veículos de carga. Fortalecer o transporte ferroviário é uma saída segura e eficiente, com potencial para dar conta de garantir o desenvolvimento socioeconômico — e sem os elevados riscos de mortes em acidentes.

Fato é que o Brasil não pode desprezar essa alternativa. Ao contrário: deve fomentar a ampliação dos trilhos pelo país. O Plano Nacional de Ferrovias, que determina a concessão de cinco empreendimentos à iniciativa privada, é um exemplo da negligência com o tema. Com quase 5 mil quilômetros de novas ferrovias e um investimento previsto de aproximadamente R$ 100 bilhões, o projeto está parado no papel – o lançamento, previsto para fevereiro, não aconteceu.

Viabilizar a operação dos trens pelo território brasileiro, respeitando as questões ambientais, é complexo, mas as dificuldades não podem impedir o processo. O governo federal e os investidores de vulto, entre eles os que produzem em grande escala, dão sinais de caminharem na direção do aumento da malha ferroviária, só que é preciso avançar em uma velocidade maior. Desafogar as estradas não é a solução para acabar com os desastres, porém pode significar a diminuição do perigo. Com a produção circulando dentro dos trens e as demais medidas necessárias sendo adotadas, é possível que a estatística de acidentes seja reduzida. O que não se pode mais suportar é que o Brasil mantenha tantas famílias destruídas pela realidade mortal das rodovias.

ROSANE GARCIA
rosanegarcia.df@cbnet.com.br

Brasília, 65 anos. Tempo de rever atitudes

Cheguei a Brasília antes da inauguração. Meu pai, funcionário público, foi transferido para o que seria a futura capital do país, com muitos outros colegas de trabalho e de diferentes pastas do governo federal. A cidade em construção, sem pavimentação nem gramado, era uma festa para crianças como eu. Os redemoinhos — lacerdinhas — eram um fenômeno absolutamente novo para quem havia saído do Rio de Janeiro.

A poeira vermelha rodopiando pelo vento forte era um convite. Como não correr para entrar na roda de barro, aos nossos olhos, gigantesca? A gente não resistia. Entrávamos na roda e sorríamos muito ao ver, na face do outro, o barro nos cílios, no cabelo… Uma sujeira ímpar.

O cenário local era pleno de novidades para quem veio de uma cidade urbanizada e com várias opções de lazer. O Cerrado, com árvores que podiam ser escaladas, frutos diferentes, dando a sensação de que estávamos numa selva… Tudo, antes nunca visto, era como um grande parque de diversão.

As obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer e o modelo urbanístico traçado por Lucio Costa deram singularidade à nova capital do país. Não à toa, a Unesco honrou a cidade com o título de Patrimônio Cultural da Humanidade, no fim dos anos 1980.

No início, a pluralidade étnica e socioeconômica não fazia muita diferença na nova capital. Havia muita solidariedade e companheirismo entre todos. A escassez de recursos unia as pessoas. O transporte público era uma das dificuldades superada pela gentileza. Motoristas ofereciam carona aos que estavam nos pontos de ônibus, sem risco de violência ao caroneiro.

Aos 65 anos, Brasília continua esbelta pela sua arquitetura, com enormes canteiros verdes e céu colorido no fim das tardes. Os ipês mantêm-se fiéis às estações do ano com floração impressionante. Nas praças, as árvores frutíferas formam pomares públicos para os brasilienses. Belezas que diferenciam a cidade.

A população chegou a 3 milhões de pessoas, quase três vezes mais do que na década de 1980. A cidade tornou-se comum e insegura como tantas outras metrópoles seculares do país. A violência é assustadora, sobretudo contra as mulheres. Medo, tristeza e insegurança são sentimentos cotidianos ante os bárbaros feminicídios.

O noticiário revela o quanto a feminina Brasília perdeu o seu jeito acolhedor. A afetividade entre as pessoas foi diluída, e os gestos de generosidade não são tão intensos quanto no passado. Mas ainda temos muita gente preocupada com os seus iguais em condições desumanas de vida.. Essa mudança é fortemente percebida nas áreas periféricas do Distrito Federal, desprovidas dos cuidados necessários. São zonas ocupadas pelos mais pobres, onde faltam equipamentos e serviços públicos adequados, e sobram violência e tragédias. O Censo de 2022 revelou que o Setor Habitacional Sol Nascente é a segunda maior favela do país — isso sem contar com o vizinho Pôr do Sol.

O avanço da idade, normalmente, faz-nos rever comportamentos e atitudes. Passou da hora de uma reflexão que leve Brasília a repensar as políticas públicas, de cada cidadão rever a sua relação com os iguais. Ainda há tempo de ressuscitar os sentimentos e atos que nos tornam diferentes entre as espécies, recuperando a generosidade, a cordialidade e o bom senso nas relações humanas.

» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** ***sredat.df@dabr.com.br***

Aniversário de Brasília

Quero lembrar a todos que Brasília comemora aniversário em 21 de abril. A nossa capital é igual coração de mãe: sempre cabe mais um. Como não amá-la? Como não ficar apaixonado pelos traços do arquiteto Oscar Niemeyer? Como não sentir orgulho do urbanista Lucio Costa pelo seu talentoso projeto Plano Piloto? Como não agradecer a Juscelino Kubitschek por essa audaciosa empreitada — a nossa capital da República? Parabéns, Brasília, Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, sexagenária com um jeito peculiar e poderosa nas decisões do país.

» **José R. Pinheiro Filho**
Asa Norte

Aniversário de Brasília 2

Perto de completar 65 anos, Brasília cresce otimista. Com renovadas esperanças de melhores dias nos corações de todos. Nessa linha, recordo trechos de depoimento que dei ao **Correio Braziliense**, ao lado de outros jornalistas, como Hélio Doyle, Roberto Macedo e Alfredo Obliziner (já no céu), pelos 20 anos da capital federal. Matéria publicada, página inteira, na edição de 21 de abril de 1980: "O tempo voa, mas as palavras ficam, muitas delas sempre presentes e que precisam ser cobradas e salientadas: Confio num futuro cada vez mais digno e melhor para todos que aqui vivem; mais sorte, com mais oportunidades para a maioria. Mas, para isso, mãos à obra! Nada cai do céu, a não ser chuva. Que impere o sentimento de ordem. Não só no lar, mas na escola, no convívio com a sociedade. Dentro do respeito à lei, aos direitos humanos, no amor ao futuro e no acatamento aos conselhos do passado. Que diminuam as injustiças. Essas liquidam com as esperanças da juventude, que, como refugo, acolhe-se no torpor do vício, para anestesiar os espinhos de desencantos. Os governantes precisam lutar para acabar com isso. Sendo Brasília a capital do país, suas responsabilidades com a comunidade naturalmente ficam redobradas. Quando falo de governantes, incluo o presidente da República e ministros de Estado e de Tribunais Superiores. Politicamente, creio que o povo de Brasília deva ser ouvido e cheirado. Não concebo reformas sem a aquiescência do povo, sem o pronunciamento da maioria. O candango não merece os ventos da abertura? Entre o governo de Brasilia e a comunidade, a afinidade deve ser, sempre, mais ampla e aberta. Os interesses se conciliam. Da mesma forma as contrariedades e prejuízos. Entremos nessa. Dando o que o povo quer, Brasília ficará melhor. A recompensa maior, no caso, será para nossos filhos.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Insegurança

Ligar a televisão e ouvir que uma criança de 4 anos, no dia do seu aniversário, levou um tiro na cabeça, devido a um tiroteio entre grupos de marginais, numa disputa por entorpecentes. A tragédia ocorreu em Recife, capital de Pernambuco, mas é comum em várias outras cidades brasileiras. O país tornou-se refém do crime organizado. Um documentário exibido pela TV Globo mostra o quanto essa triste realidade está espraiando-se pelo país. No documentário, os policiais revelam as dificuldades de colocar esses bandidos atrás das grades. Ainda que consigam, há sempre brechas que favorecem os meliantes. Uma delas é a progressão de pena, porque o detento leu uma centena de livros, mostrou bom comportamento e outros artifícios prejudiciais à sociedade. Se a pena é de 30 anos, que seja cumprida na integralidade. Ninguém é ingênuo de imaginar que, ao sair da cadeia, integrantes de grupos criminosos serão um cidadãos do bem. Isso não existe. Voltarão às quadrilhas, para exercerem a profissão de bandido. A menina baleada está em estado gravíssimo. Impossível imaginar a dor da mãe e do restante da família. O Brasil tem sérios e graves problemas sociais, mas a insegurança pública é autora de tragédias diariamente. Em vários casos, os agentes públicos são autores.

» **Paula Vicente**
Lago Sul

Petróleo no Brasil

O Brasil não necessita de mais petróleo. O litoral leste, na bacia de Campos conduziu a uma autossuficiência. A locomoção elétrica, as energias eólicas, solar, e a hidroelétrica transformam o petróleo numa energia obsoleta. Um verdadeiro dinossauro nos próximos 40 anos. No litoral setentrional, se torna desnecessária a exploração. Estão certos Marina Silva, ministra do Meio Ambiente e o Ibama os quais defendem a sustentabilidade.

» **Enedino Corrêa da Silva**
Asa Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Sugiro a troca do nome "Os melhores do mundo", para "Os melhores da galáxia ".

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Policiais de São Paulo são flagrados por câmeras de segurança furtando placa de veículo. Não bastasse matarem adolescentes, agora são ladrões também.

Josué de Freitas Silva — Sobradinho

Ataque aéreo israelense destrói parte do último hospital em funcionamento na Cidade de Gaza. Isso também é terrorismo. O mundo todo assistindo à tentativa de extinção de um povo.

Lucimar Cruz — Fortaleza (PB)

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	**R$ 5,00**	**R$ 7,00**

ASSINATURAS *
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61)99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE–Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br